



OLIVEIRA, Ana Clara Santos. **MUITO PRAZER, AUDIODESCRITORES! A ESCRITA, A VOZ E A OUTRA CENA NOS ESPETÁCULOS DE DANÇA.** Salvador: Universidade Federal da Bahia. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Dança, Orientadora: Fátima Campos Daltró de Castro. CAPES; Mestrado. Bailarina e Audiodescritora Membro TRAMAD.

## RESUMO

No campo da audiodescrição ainda se pronuncia sobre a neutralidade dos audiodescritores. Este texto prima à noção da existência desses profissionais como compositores de outra cena nos espetáculos de dança audiodescritos. No entendimento de transcrição de Haroldo de Campos, procura-se apresentar em linhas gerais este fazer da tradução audiovisual intersemiótica como arte de audiodescrever, tanto na elaboração da escrita do roteiro de trabalho quanto na expressividade da voz. Por apoiar-se em experimentações teorico-práticas compartilhadas em espetáculos de dança junto ao público com deficiência visual, acredita-se que este estudo possa subverter modos habituais de pensar dança e, sobretudo, de entender o papel significativo dos audiodescritores. Nesse contexto, a transcrição semiótica faz refletir em parâmetros para um modelo brasileiro sem oposição às normas de audiodescrição de outros países, contudo iluminando a questão da interpretação como fator de permanência; neste caso, permanência é ressaltada no sentido de processo de transformações, continuidade e condição indispensável para a existência da comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transcrição: Audiodescrição: Dança.

## ABSTRACT

In the field of audio description there's still argumentation on the neutrality of audio describers. This text points out the notion of the existence of professionals as composers of another scene in audio-described dance performances. Of the transcreation of Haroldo de Campos, it is attempted to show this doing of the intersemiotic audiovisual translation as the art of audio describing, both in the preparation of writing the script and in the expressiveness of the voice. As this study finds support on theoretical and practical experimentations in dance performances shared with visually impaired people, it is believed that it may subvert habitual ways of thinking about dance and, especially, of understanding the significant role of the audio describer. In this context, the semiotics transcreation reflects on parameters for a Brazilian model unopposed to audio description standards of other countries, however illuminating the issue of interpretation as a factor of permanence; in this case, permanence is stressed in the sense of transformations process, continuity and imperative condition to the existence of communication.

**KEY-WORDS:** Transcreation: Audio Description: Dance.

O artigo apresenta um recorte das compreensões sobre o referencial estudado e os entrecruzamentos que iluminam o entendimento da arte de audiodescrever. Ao revisitar, estudar e analisar as Normas de Audiodescrição de outros países percebe-se a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que investiguem parâmetros de audiodescrição para dança a serem usados no Brasil, pois existem

muitas reflexões a serem feitas e que devem ser levadas em consideração. Uma das questões observadas é a neutralidade e a não interpretação que profissionais de audiodescrição deve seguir como lição.

O objetivo deste texto é apresentar outra possibilidade de ver o campo da audiodescrição, mais especificadamente, da audiodescrição de dança (doravante AD de dança). Como o título sugere é uma apresentação, a qual audiodescritores são compositores de outra cena nos espetáculos de dança a partir da escrita do roteiro e expressividade da voz. Neste âmbito, as noções de um audiodescritor agir de modo neutro e não interpretativo são pontos que não dialogam com a compreensão da arte de audiodescrever.

Existem projetos pioneiros sobre AD em diferentes universidades brasileiras, como da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição) coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Eliana Paes Cardoso Franco e, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), o LEAD (Legendagem e Audiodescrição) coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Vera Lúcia Santiago Araújo, que investigam modelos para possíveis parâmetros de AD que atendam às necessidades das pessoas com deficiência visual no Brasil. Ambos os grupos não trabalham em oposição às normas como americana, inglesa, espanhola e alemã que surgiram para estabelecer requisitos básicos neste ato tradutório. Investiga-se com a área acadêmica em diálogos junto ao público com deficiência visual, por isso é um trabalho em conjunto que não subestima a capacidade intelectual do grupo em questão, pelo contrário, o vê como consultor, parceiro e essencial para o processo da AD.

Partindo de tais pressupostos, afinal o que é uma AD de dança? Consiste na tradução de imagens visuais em palavras, uma descrição narrada da obra de dança – elementos, os signos do espetáculo, como o figurino, iluminação, qualidades estéticas de movimento (fluência, leveza, níveis, apoios, e outros), materiais cênicos, relações, expressividades, mudanças no espaço, e qualquer outra imagem visualmente percebida.

Audiodescrição (AD): modalidade de tradução audiovisual intersemiótica onde as imagens, ou sinais visuais, são descritas em áudio, ou sinais acústicos, entre os diálogos. Ela otimiza a compreensão de produtos audiovisuais pelo público com deficiência visual e intelectual. A audiodescrição também se aplica a imagens estáticas, como pinturas, fotos, esculturas e slides de apresentação. Portanto, podemos encontrar a audiodescrição na TV, no cinema, no teatro, nos museus, em audiolivros, conferências e nas salas de aula. Ela pode ser pré-gravada (em filmes de TV, cinema, nos audioguias de exposições e nos audiolivros); ao vivo (em espetáculos de teatro e dança, conferências e salas de aula) ou simultânea (ex. em programas de TV ao vivo, que não possibilitam a elaboração de um roteiro anterior ao programa, portanto, neste caso, a AD é feita “na raça”). A audiodescrição também é definida como um recurso de tecnologia assistiva porque promove a acessibilidade para um público específico (TRAMAD<sup>1</sup>).

---

<sup>1</sup> O grupo de pesquisa TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição) foi formado em 2005 na UFBA coordenado pela Professora Doutora Eliana Franco, com o objetivo de estudar e promover a acessibilidade audiovisual através da audiodescrição, ou seja, a tradução de imagens em palavras de produtos culturais audiovisuais e visuais (filmes, peças de teatro, espetáculos de dança, fotos, pinturas, esculturas, instalações, etc) para o público com deficiência visual e

Quando Campos (1992) referenciado nos aportes teóricos do filósofo alemão Max Bense, lançou o ensaio “Da Tradução como Criação e como Crítica” em (1962), republicado posteriormente em 1992 na “Metalinguagem, ensaios de teoria e crítica literária”, explana que tradução é transcrição, recriação, traduzir de modo criativo com a função poética, quer dizer que é traduzir o percurso da própria função poética numa espécie de transcodificação, sendo o transcriador recodificador da informação, inventando paralelamente dentro do impulso criador “original”.

É por este viés, que se pensa a arte de audiodescrever dança compreendendo que o audiodescritor é um transcodificador que interpreta, pois quando se descreve e/ou narra já está se fazendo uma interpretação, caso o contrário não conseguiríamos fazer as escolhas. Se Plaza (2003) reformulou como noção de tradução intersemiótica como transcrição, e a AD está inserida no escopo deste tipo de tradução, não há necessidade de nos aprisionarmos com a regra do não interpretar.

Até mesmo com um toque de olhos vendados, conseguimos sentir e perceber que um objeto é volumoso, macio, áspero...até o sabor – doce, amargo... nos faz descrever parcialmente o objeto e nos conduz a escolhas. Tudo isto só é possível porque interpretamos todo o tempo. Ao falar de interpretação, está se referindo não a interpretação teatral, visto que o audiodescrever é fazer parte de outra cena (da audiodescrição) e não é “competir” com um ator ou dançarino na ação de audiodescrever. A interpretação aqui falada se refere ao modo de organizar as informações quando se vê o que é bem diferente de dar inferências explicando, por exemplo: a dançarina jovem de cabelos negros chora porque...

A interpretação é no sentido de fazer as escolhas e dar vida ao texto com a expressividade da voz, que deve ser adequada ao produto – não há neutralidade, isto já é uma leitura. Por esse motivo, a transcrição é um caminho de possibilidade para inspirar uma AD de dança de modo criativo.

Atrelado aos conhecimentos acima citados acrescenta-se a tese de Mascarenhas (2012) onde expõe os estudos de Braun (2008) no que tange à interpretação. Segundo a tese, a natureza multimodal tanto da fonte quanto do texto alvo, torna ainda mais complexa a intersubjetividade envolvida no processo interpretativo de um gênero audiodescrito, uma vez que o modo como o público com deficiência visual tem a leitura está condicionada à descrição do audiodescritor.

[...] no trajeto entre material audiovisual (texto fonte) e o produto audiodescrito (texto alvo), a relevância do leitor (audiodescritor/tradutor) que se apropria do texto audiovisual e dos seus paratextos, analisando-os e interpretando-os, para reescrever um novo texto (audiodescrição) a partir de textos anteriores, sendo o produto final deste processo, reinterpretado por novos e heterogêneos leitores/público com deficiência visual (**MASCARENHAS, 2012, p.28**).

Assim, um espetáculo de dança audiodescrito é interpretado por múltiplos pontos de vista e o espectador com deficiência visual um cocriador das cenas, das informações que recebe ao mesmo tempo em que modifica e leva, e não alguém passivo que apenas é sujeito receptor de algo produzido longe dele. Então, como acontece a acessibilidade - uma AD de dança? Partindo de experiências na área de AD de dança, tem-se construído conhecimentos oriundos do próprio fazer e não somente de uma abordagem teórica, com envolvimento de pessoas com deficiência visual da Associação Baiana de Cegos em Salvador (BA) e outros, e com os estudos no Grupo TRAMAD.

Pode-se afirmar que como existem diferentes tipos de configurações de dança, a AD deve olhar para este fator também. É importante ressaltar que independente do tipo de processo ou configuração de dança, uma relevante estratégia adotada em trabalhos de variados profissionais de audiodescrição, é o reconhecimento do palco, da cenografia e outros possíveis antes da apreciação da obra propriamente dita. Isto possibilita além do toque, algumas descrições que provavelmente não poderão ser ditas no decorrer da dança devido ao próprio espaço curto de tempo, e no reconhecimento podem ser faladas, a exemplo: figurino, características dos dançarinos, materiais cênicos, outros.

Em linhas gerais, se o trabalho de dança for um espetáculo coreografado - estruturas fixas, a AD acontece por meio de um roteiro também estruturado, com ensaio da voz, acompanhamento do processo e/ou com o registro da configuração, posteriormente, narrado ao vivo em cabine de tradução simultânea no caso de trabalhos em espaços convencionais como o palco ou sem cabine no caso de espetáculos itinerantes. Para isto, a acessibilidade tecnológica – receptores serão distribuídos antes do início do espetáculo para pessoas com deficiência visual (baixa visão e cegueira total). Em se tratando de um trabalho de contato-improvisação – estruturas coreográficas abertas ao improvisado, a AD prepara de forma similar ao citado anteriormente, contudo deve resguardar a improvisação, tendo o audiodescritor que rearranjar acordos também para o improvisado.

Já em uma composição improvisada, não há um roteiro de AD elaborado e estruturalmente ordenado, acontece de modo simultâneo. É preciso neste caso, que o audiodescritor tenha habilidades para dialogar com os rastros dos dançarinos no ato. De acordo com Silva<sup>2</sup> (2012) a composição improvisada é aleatória, casual e não há um produto desenvolvido a priori, mas não opera com liberdade absoluta, pois o acaso está condicionado àquilo que o corpo já conhece. Em todos os casos (e isto não é de forma simples, pois a arte de audiodescrever dança é uma atividade de complexidades), o audiodescritor necessita ter familiaridade com dança e, sobretudo, em composição improvisada precisa colecionar informações para agir (re)criando a partir do impulso “original”, obra de dança.

Por apoiar-se em experimentações teóricopráticas compartilhadas em espetáculos de dança junto ao público alvo, acredita que este trabalho pode subverter modos habituais de pensar dança e, sobretudo de entender o papel significativo dos audiodescritores. Nesse contexto, a transcrição sígnica faz

---

<sup>2</sup> Bárbara Santos é Mestre em Dança, Especialista em Coreografia (1994) e Bacharel em dança (1993). Atua como interprete-criadora, pesquisadora e professora de dança.

refletir em parâmetros para um modelo brasileiro sem oposição às Normas de audiodescrição de outros países, contudo iluminando a questão da interpretação como fator de permanência<sup>3</sup>, neste caso, permanência é ressaltada no sentido de processo de transformações, continuidade e condição indispensável para a existência da comunicação.

## **Referências**

CAMPOS, H. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MASCARENHAS, R. **A Audiodescrição da Minissérie Policial *Luna Caliente*: uma proposta de tradução à luz da narratologia**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, UFBA, Salvador.

PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

SILVA, B.C.S da. **A tessitura de sentidos na composição improvisada em dança: como o dançarino cria propósitos para a cena**. 2012. Dissertação (Mestrado em Dança) - Programa de Pós Graduação em Dança Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

---

<sup>3</sup> Adriana Bittencourt (2001) investiga permanência tendo como um dos aportes teóricos Jorge Albuquerque Vieira que segue a proposta de Mario Bunge da T.G.S (Teoria Geral dos Sistemas), a qual a ontologia (ou metafísica) como uma Cosmologia Geral ou Ciência Geral.